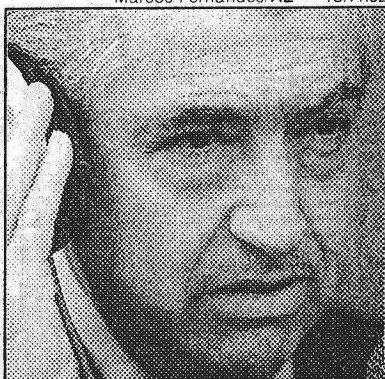


Expectativa é retomada do crescimento só em 96

Economistas e empresários não escondem o desânimo com a situação, mas acham que o pior já passou

A economia não retoma o curso do crescimento antes do segundo trimestre de 1996, dizem alguns empresários e economistas. A maioria se mostra desanimada, mas acredita que o pior já passou. Todos os ganhos proporcionados pelo Real foram perdidos. Eles são empresários, fornecedores, bancários, analistas, consumidores — e estão temerosos. O maior entrave para a retomada é a inadimplência. Inseguros ou endividados, poucos se animam às compras. As medidas tomadas pelo governo com o objetivo de reaquecer o mercado não deverão surtir efeito a curto prazo, acreditam. As exportações estão sendo sustentadas pela retração do mercado interno. O atraso cambial faz com que as empresas optem pelo mercado interno ao primeiro sinal de aquecimento das vendas domésticas. A seguir, as respostas de alguns empresários e economistas à pergunta: O pior já passou ou ainda está por vir? (Isabel Dias de Aguiar)

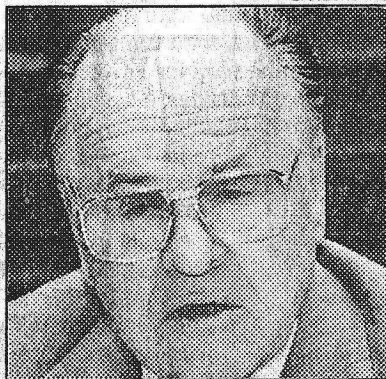
Marcos Fernandes/AE — 18.11.92



Varejo está decepcionado

"Vamos terminar o ano com vendas 5% acima de 1994. A retração do mercado é contínua. A queda do faturamento a cada mês é de 12% em relação ao mês anterior. Existem exceções. As lojas de eletrodomésticos continuam faturando. Mas o varejo de roupas, armários e móveis está enfrentando sérias dificuldades. O ano está decepcionando os comerciantes, especialmente depois de março, quando o governo deu aquele tranco no crédito. A concorrência está se tornando acirrada e as margens de lucro, cada vez mais apertadas." (Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio de São Paulo)

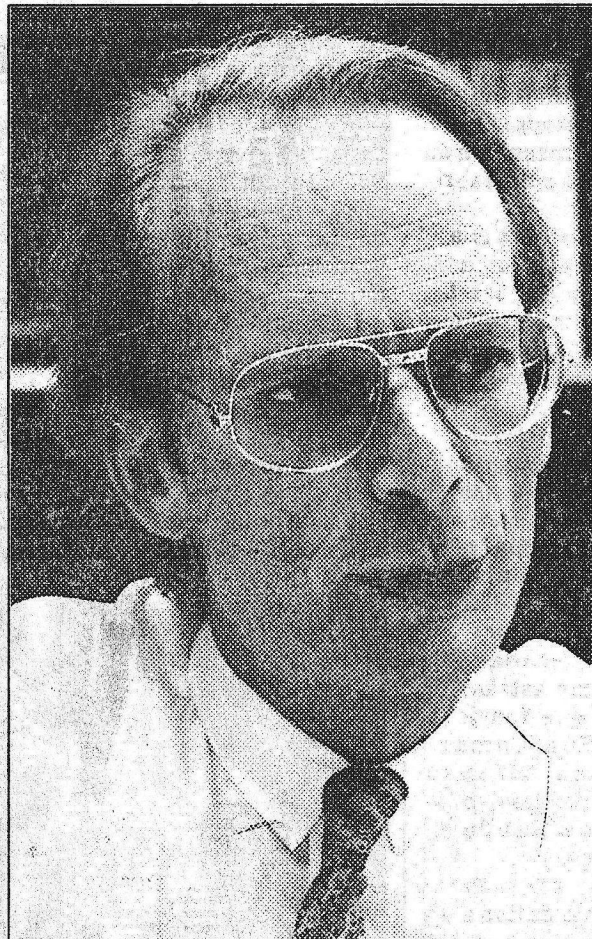
L.C. Leite/AE



Algumas áreas crescem

"A economia continua crescendo em algumas áreas de atividade. Apesar da crise e do elevado nível de inadimplência, as vendas de televisores e de geladeiras continuam aceleradas. Estão sendo vendidos mais aparelhos de TV agora do que nos meses que antecederam a Copa do Mundo em 1994. É claro que as empresas estão sendo obrigadas a fazer algumas promoções e sacrificar as margens de lucro." (Franz Reimer, diretor da Bosch do Brasil e da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica-Abinee)

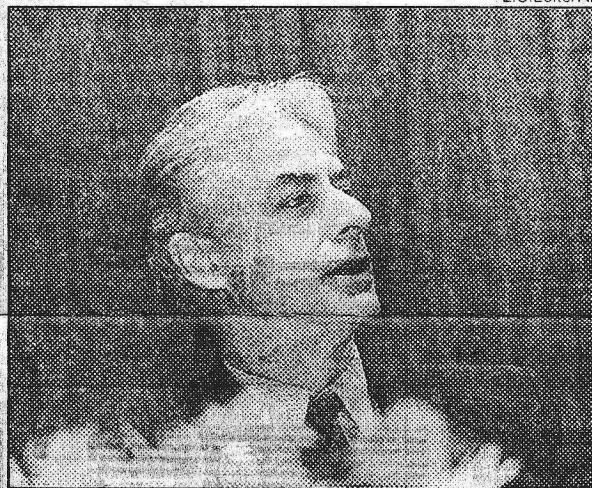
Paulo Cerciar/AE — 21.9.94



Natal será triste este ano

"O Natal este ano vai ser triste. O governo fabricou a recessão e agora tenta consertar. O Brasil é como um grande petroleiro. No momento de acelerar, o navio demora a sair do lugar. Também demora a parar, quando isso é necessário. Acho que a recuperação, só deverá ocorrer no final do primeiro trimestre de 1996. Até lá, muitas empresas deverão fechar. Elas não se ajustaram e com o desaquecimento, seus problemas ficam mais visíveis. As pequenas empresas perderam o melhor momento para se modernizar." (Sergio Haberfeld, diretor-superintendente da Toga e presidente do Sindicato da Indústria de Artefatos de Papel do Estado de São Paulo-Simpapeco)

L.C. Leite/AE



Inadimplência bloqueia recuperação

"Não há perspectiva de retomada do crescimento econômico antes do segundo trimestre de 1996. O governo tem ainda muitos instrumentos para tentar conter a queda do consumo e da produção. Entretanto, não parece interessado em usá-los. A redução dos compulsórios não deverá contribuir para aquecer o mercado. O maior entrave para a recuperação das atividades é a inadimplência. Os bancos adotaram uma atitude seletiva e o consumidor está retraído. Mesmo se, numa hipótese otimista, houver maior oferta de crédito, a população deve resistir muito antes de contrair novas dívidas." (Celso Martone, professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo)

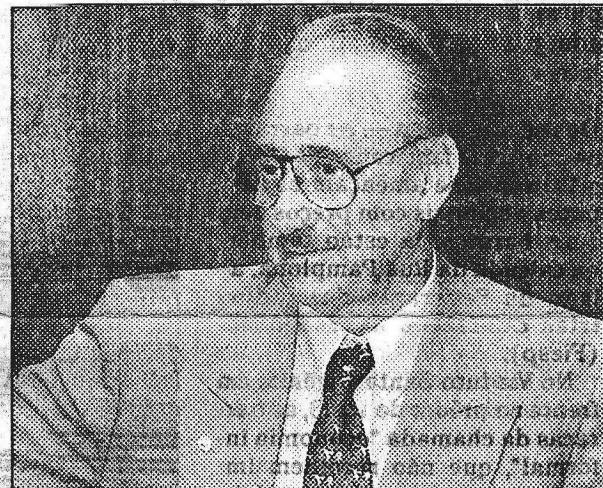
Roberto Setton/AE



Câmbio deve permanecer desajustado

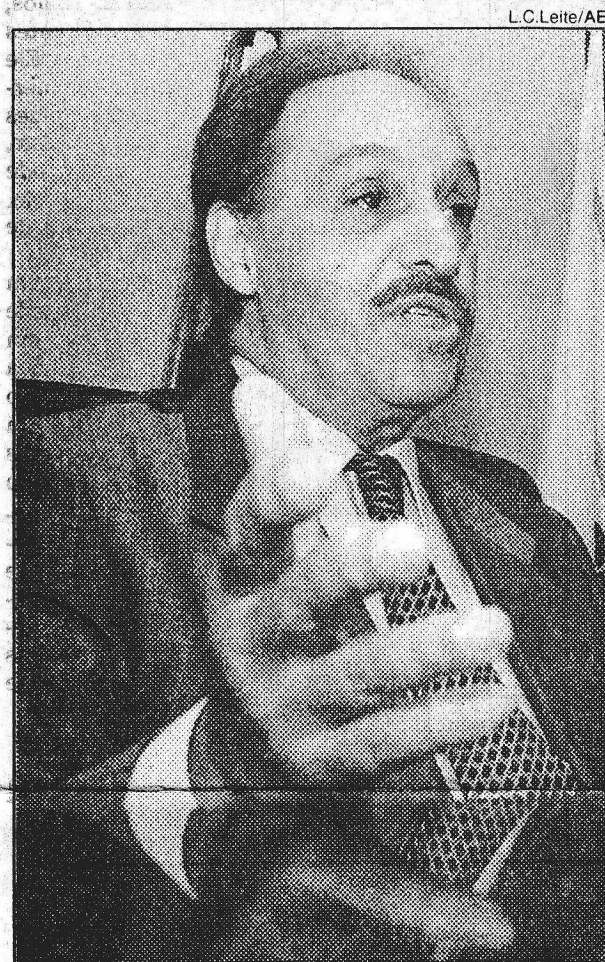
"Do ponto de vista da inflação, o prognóstico é positivo. O ano deve terminar com uma taxa inferior a 2% ao mês. Mas o cenário otimista termina aí. O câmbio deve permanecer valorizado, o que significa desajustado. As taxas de juros, mesmo em queda, deverão continuar excessivamente altas para estimular o crescimento da atividade econômica. A equipe econômica criou uma armadilha que, para desmontá-la, teria de arranjar um novo plano de estabilização. O governo precisa manter atrativos para garantir o ingresso de recursos externos no País." (Ibrahim João Elias, vice-presidente da Ordem dos Economistas-SP)

L.C. Leite/AE



Não há negócios com juros tão altos

"A economia não deverá se recuperar a curto prazo. Os efeitos das medidas que vêm sendo estudadas e adotadas pelo governo, com o objetivo de acelerar a atividade econômica, só serão sentidas em 1996. Mesmo que as atividades sejam estimuladas, por meio da ampliação dos prazos de crédito e da redução dos percentuais de recolhimento dos compulsórios, a economia não deverá voltar a crescer. A inadimplência inibe os agentes econômicos. Os consumidores não estão dispostos a contrair novas dívidas. É preciso estimular a renegociação para tentar amenizar a crise. Não há quase negócios com juros tão elevados." (Max Schrappe, primeiro vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo)



Medidas têm sido inócuas

"Não há dinheiro circulando na economia. A opção dos bancos é pela liquidez. A maioria dos recursos está retida nas instituições financeiras, o que torna inócuas as medidas do governo para acelerar a atividade econômica. Essa situação não deverá se modificar até o final do ano. Nem a safra de dissídios coletivos contribuirá para o aquecimento do mercado. Isso, é claro, não atinge a todos os setores da indústria e comércio. Há alguns ramos, cuja produção e vendas estão aceleradas. Entre estes estão as áreas de alimentação, bebidas e produtos farmacêuticos." (Feres Abujamra, diretor do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo)

L.C. Leite/AE



A situação começa a melhorar

"As coisas começam a melhorar. O abrandamento do aperto monetário e o ingresso de capital estrangeiro no País devem permitir a entrada de volume considerável de recursos na economia. Agora os investidores estão cautelosos. Mas vão readquirir confiança e voltar a financiar o comércio e a produção. Depois do boom do início do Real, as instituições financeiras se retraíram. As empresas de varejo se endividaram junto aos bancos e repassaram os recursos aos consumidores. Assumiram um papel que não era delas. Os bancos adotaram uma restrição voluntária de crédito. Aos poucos isso deve se modificar." (Demostenes Madureira de Pinho, diretor e consultor de Economia do Unibanco)

Fernando Sampaio/AE